

CARTA AO DR. THEODORO SAMPAIO

S. PAULO.

Illm. Snr.

Minhas respeitosas saudações.

Começo esta agradecendo muito cordialmente as delicadas expressões que me dispensou V. S.ª no artigo *Da evolução historica do vocabulo geographico no Brasil*, em refutação a outro de minha lavra sob a epigraphe *Lingua indigena—O nome Ceará*, que foi publicado na *Revista da Academia Cearense*, tomo VI, pag. 115, e, como ha no primeiro uma citação que me é indevidamente attribuida, peço com todo o respeito permissão para eximir-me á responsabilidade do que não me pertence, fazendo-a recair sobre o seu verdadeiro autor, e mais ainda para fazer algumas considerações a respeito de outros pontos do artigo refutado.

Primeiro que tudo cumpre-me confessar que o que conheço da lingua geral ou Brazil consta apenas de ligeiras leituras das descripções de viajantes, que vieram ao nosso país, donde se vê que sou ignorantissimo nesta materia.

No artigo sob o titulo acima, escripto por mão de mestre, á pag. 209 da *Revista do Instituto do Ceará*, do 3.º e 4.º trimestres deste anno, lê-se: Certo, nem todas

as interpretaçoes se apoiam rigorosamente em processos logicos, em principios scientificos que lhes assegurem valor incontestavel, mas não é isso razão para dizer-se com Hovelacque que a etymologia em si não passa de uma adivinhação, ou como descrentemente escreve Antonio Bezerra, na *Revista da Academia Cearense*, que o etymologista decompõe a palavra a seu geito, inventa radicaes e os colloca como bem lhe parece, sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena.

Ha equivoco da parte de V. S^a^. Estas palavras, é verdade, foram citadas por mim á pag. 117 da mencionada *Revista da Academia Cearense*, mas o periodo continua, como é facil de ver-se, e termina assim: sendo ainda de notar que os mais impavidos para estas inventivas são homens do merito do Visconde de Porto Seguro, de Von Martius, de E. Liais e de Barbosa Rodrigues, diz em tom de queixume á pag. 64 das *Notas* sobre o precioso livro *Do principio e origem dos Indios do Brazil*, de Fernão Cardim, o illustrado Dr. Baptista Caetano.

Copiei-as, pois, fielmente desse illustre indianista, que passou sempre como o mais competente entre os que se dedicavam a estudos desta ordem.

Foi na opinião do Dr. Baptista Caetano que me baseei para deixar de aceitar muitas das traducções dos vocabulos indigenas que por ahi se fazem, e que são explicados por diversos modos.

Ora, si aos mais habilitados como Von Martius e Barbosa Rodrigues, que viveram annos entre os Indios, no Amasonas, occupando-se exclusivamente dos seus costumes, e de sua lingua, e como E. Liais e Visconde de Porto Seguro, homens de reconhecida illustração e muito real, censura acremente o sabio indianista, que se poderá esperar dos outros menos aptos?

O mesmo Dr. Baptista Caetano na carta ao Dr. Ramiz Galvão, que precede a *Arte de Grammatica da lingua Brasilica da Nação Kiriri*, do P.^e^ Vicente Mamiani, que devia ter sido publicada em 1698 ou 1699, como das licenças do Santo Officio, de 2 de Julho de

1698, e do Paço de 3 do mesmo mez e anno, diz á pag. LXXI: Não fica decidido que o Kiriri seja effectivamente, e no rigor da palavra dialecto da lingua geral, mas vê-se que tem muito della, assim como do Kechuacallu, e principalmente dos dialectos Pampeanos como o dos Chequitos, de cujo extenso vocabulario desgraçadamente não temos sinão ligeiros extractos (1). Limitando-me apenas a fazer o confronto do Kiriri com a lingua geral vimos tambem que elle está mais ou menos eivado de vozes portuguezas, e talvez ainda de vozes africanas.

Do estudo feito pelo douto linguista no livro do P.e Mamiani, publicado no fim do seculo XVII ou começo do XVIII, nota-se que tanto a lingua geral como o dialecto Kiriri estão eivados de vozes portuguêzas e talvez de vozes africanas, em consequencia do contacto dos Indios com os negros dos Palmares.

O Kiriri, dialecto ou não da lingua geral, tinha muito della, di-lo Baptista Caetano, isto quanto ao que escreveu o P.e Mamiani em 1698, que mais proximo da origem devia ser encontrado mais puro, e pelo tempo adeante com tantos motivos de corrupção a que construcções diversas não teria elle chegado?

No nosso territorio é certo que desde o meado do seculo XVII, logo depois da expulsão dos Hollandêses, os Tapuyas estiveram em estreitas relações com os Potiguares aldeiados, pois o P.e Antonio Vieira á pag. 476 da sua *Relação da Missão da serra da Ibiapaba*, escripta pouco mais ou menos em 1660, tempo em que estivera naquella serra, diz: Nos arredores da fortaleza do Ceará vivem duas nações de Tapuyas Gentios confideradas ambas com os Portuguezes, mas inimigas entre si; uns se chamam *Ganacés*, outros *Jaguaruanas*.

Eram outros elementos para a corrupção da lingua geral, que deu nomes aos logares que tem o Ceará no littoral.

---

(1) Sempre difficuldades para o indianista.

Não ha duvida que Baptista Caetano se queixa do modo arbitrario por que Von Martius e outros explicam ou traduzem os vocabulos da lingua *tupi*, e realmente é de entontecer quando se vê a variedade de interpretações que cada um dá a palavra que traduz.

Acerca do nome Aracaty, por exemplo, diz o Coronel João Brigido á pag. 121 da *Revista do Instituto*, do 1.º e 2.º trimestres deste anno: Aracaty ou Aracatu, estas palavras dão perfeita idéa de uma região que impressionava pela claridade e mansidão de suas aguas, na embocadura do Jaguaribe. Ara—claro, catu—bonançoso. Aracatuy ou Aracat'y, por sinalepha, quer dizer—Aguas claras e bonançosas.

O Dr. José Pompeu na sua *Corographia da Provincia do Ceará*, pag. 200, diz copiando o Senador Pompeu, á pag. 53 do *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará*, que Aracaty foi assim chamado pelos Potiguares e significa *vento do norte*, que alli sopra, algumas vezes mudando de rumo, uma especie de *Sirôco*, bastante prejudicial á salubridade.

O Dr. Paulino Nogueira no seu *Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará* acerca da mesma palavra escreve: Pedra branca comprida para cima, no logar Passagem das Pedras. Barba Alardo, *Memoria sobre a capitania do Ceará*, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 1871 pag. 262;—bonança, opportunidade, Gonçalves Dias, *Diccionario*; mas a verdadeira é—bons ares, de ará--tempo, e catu—bom. Martius, *Glossario*, pag. 539.

Fica o estudioso á vista destas differenças na difficuldade de saber qual é a verdadeira traducção. Será a de aguas claras e bonançosas, ou a de vento do norte, ou a de pedra branca comprida para cima, ou a de bonança, opportunidade ou a de bons ares?

Si no que apanharam os primeiros escriptores, notam-se tantas corrupções tratando-se do principio do povoamento do nosso Estado, que segurança deve haver no que foi colhido mais de dois seculos depois?

A convivencia entre Potiguares e portuguêses, tapuyas e africanos não podia deixar de ter alterado a lingua, que foi mal estudada pelos primeiros conquistadores, e só veiu despertar attenção o seu estudo depois que o Marquez de Pombal, receioso de que pela importancia que ia tomando na colonia a lingua *tupi*, viesse a ser prejudicada a portuguêsa, ordenou ao Governador de Pernambuco, por Carta Regia de 6 de Maio de 1758, que elevasse á categoria de villas com os nomes de logares da metropole as Aldeias dos Indios, e assim se fez nesta e noutras capitanias.

O que mais me surprehende é que os documentos escriptos no começo do seculo XVII, relativamente á colonisação do Ceará, conservem de alguns logares nomes mais afastados da origem do que os que tem presentemente; por exemplo, *Caracu*, que por um acto da Assembléa do Estado foi alterado para *Acarahu*, e significa—rio dos acarás, seja mais correcto que o primitivo, e se traduza perfeitamente do modo porque se escreve em nossos dias.

O nome de Jaguarnambi com que o pediu o P.^e^ Domingos Ferreira Chaves, na data de 17 de Julho de 1718, não é o verdadeiro, mas o de Aguanambi.

Entretanto convem notar que o P.^e^ Chaves foi durante muitos annos capitão de ordenanças nas guerras contra os Tapuyas, quando obteve com o companheiro Sebastião Dias Freire a data entre os rios Choró e Pirangy, em 16 de Agosto de 1691 e depois sargento-mór em 1695, quando pediu com outros a data do Riacho do Figueiredo, em 22 de Oitubro do mesmo anno, sendo nella o 2.° sesmeiro, e ordenando-se por esse tempo sacerdote do habito de S. Pedro, foi nomeado quasi logo Missionario geral das Missões do Norte, assistindo na fortaleza do Ceará.

Ora, um homem de talento como era o P.^e^ Chaves, que viveu com os Indios por longos annos, explicando-lhes a doutrina christã na propria lingua, principalmente aos Potiguares, que eram da nação *tupi*, de 1700 a 1718,

epoca em que pediu a mencionada data do Jaguarnambi, continuando ainda, pois que veiu a fallecer em 1749, como do testamento que possuo, porque razão pediu a data sob o nome de Jaguarnambi quando o seu verdadeiro nome era Aguanambi?

Ignoraria elle a lingua na qual devia ser versado, sendo como foi nomeado Missionario geral de todas as Missões do Norte?

De 1691, data da sua primeira sesmaria a 1718, data em que pediu a de Jaguarnambi vão 27 annos, e esse tempo era mais que sufficiente para um homem qualquer aprender a falar o *tupi*, principalmente o P.^e^ que viveu exclusivamente occupado em doutrinar Indios.

Os trabalhos que se fizeram relativamente a linguas americanas foram publicados depois do meado do seculo XIX, pelo que é muito razoavel a censura do erudito Dr. Baptista Caetano a Von Martius, E. Liais, e outros muitos, que *decompõem a palavra a seu geito, inventam radicaes e os collocam como bem lhes parece sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena.*

Si o P.^e^ Chaves não conhecia a verdadeira palavra *tupi* para emprega-la em documento publico, outros, ha mais de 184 annos distantes daquella epoca, em que já andava corrompida a lingua, com menos segurança a deviam conhecer.

Sei que muitas palavras indigenas acham-se pelo contacto com os tapuyas, portuguêses e africanos, como notou Baptista Caetano, corrompidissimas, não tendo mais quasi nada das primitivas; entretanto os etymologistas as traduzem á contento, e de modo até que satisfaz. Não ha difficuldade para interpreta-las.

José de Alencar traduziu o nome Mecejana,—por *o que fez abandonar*, ou *o que foi logar ou occasião de abandonar*,—quando muito positivamente o Desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco, teve ordem do Governador de Pernambuco, Luiz Diogo Lobo da Silva, para que elevasse as Aldeias fundadas pelos Jesuitas á

categoria de villas com os nomes de logares da metropole, passando a de Paupina a denominar-se Mecejana.

Já disse que nada conheço do *tupi*, mas não sei por que encontro certas traducções que a minha razão rejeita talvez por falta de fundamento, e por isso me baseo em Baptista Caetano, que mais do que eu se mostra contrariado com as traducções de Von Martius, Visconde de Porto Seguro, E. Liais e Barbosa Rodrigues.

Tudo isso para dizer que sempre me pareceu que os primeiros portuguêses que escreveram sobre o Ceará, deviam ter mais perfeito conhecimento dos legitimos nomes indigenas, dados aos diversos logares desta zona, mas á vista da leitura que fiz do artigo de V. S.ª, que aliás reputo de immenso valor scientifico, ainda fiquei mais descrente, porque fez-me concluir que elles estavam todos viciados, e que os mais correctos são os que se foram alterando e estão escriptos da forma que se vêem presentemente.

Queira V. S.ª desculpar-me si com estas palavras o contrariei, devido talvez a minha ignorancia, mas eu apenas aqui faço um ligeiro reparo a um periodo do artigo de V. S.ª e explico os motivos, porque aceitava os nomes que se encontram nos mais antigos documentos sobre a origem do Ceará.

Com toda a estima sou de V. S.ª

servo humilde e admirador

ANTONIO BEZERRA.





MARIANO A. PELLIZA

Em homenagem á memoria do nosso illustre consocio Mariano A. Pelliza, cujo fallecimento a 11 de Agosto do anno corrente tanto deploram as lettras Americanas, transladamos, data venia, para as nossas columnas o que sobre o facto luctuoso escreveu *El Pais*, de Buenos Aires:

«Un hombre útil acaba de morir, Don Mariano A. Pelliza ha expirado ayer á las 5 de la tarde, dando á la eternidade el último aliento de una vida consagrada al trabajo y al estudio.

Una afección, que por su naturaleza no hubiera llegado a inspirar mayores afflicciones, le retenia en el lecho desde hace dos semanas, pero su organismo, ya debilitado por los años, ha sido fácil presa de una enfermidad al corazón que desde tiempo atras minaba su existencia.

Pelliza ha caído en el puesto de trabajo donde los años que corríam iban dejándole siempre, como si la lucha por la vida primero y el esfuerzo intelectual después, no hubieran sido suficientes para agotar sus energías.

Nasció en Buenos Aires em 1837, y, aunque de ilustre familia, inició su carrera desde los primeros peldaños y empezó la ascención con esfuerzos y sin recursos, luchando a brazo partido con la suerte hostil que parecía cerrarle el camino.

Como muchos hombres de su tiempo, se inició en el comercio, pero aquel ambiente no asfixió su espíritu, nascido para esferas mas altas, y un dia, quizás el de mayores afanes, se escapó de sus labios una sentencia que traducia la fortaleza de su carácter.

«Algo seré» —había dicho, —y algo ha sido: ha sido mucho. Después de cinco lustros pudo volver los ojos á aquel dia, ver la jornada recorrida entre esfuerzos y triunfos y sentir retemplarse el espíritu en el recuerdo de los rudos afanes y en el trabajo de las propias victorias.

De una casa de comercio, Pelliza passó á la aduana después de haber dado examen de contador con el aplauso de sus examinadores. Los sucesos de 80 le tomaron en ella, y victima del localismo de entonces, hizo causa comón con los defensores de la ciudad histórica y se negó á acompañar al presidente Avellaneda y al núcleo de enérgicos congresales que hacia aquellos dias habiam huido á Belgrano.

Luchador entusiasta en los sucesos de la capitalización, guerrero en el Paraguay, no fue en aquellas circunstancias sino el agente de sus sentimentos generosos, pero las más nobles energias de su espiritu se orientaban hacia el estudio y la meditación intelectual. Se alejó, pues, de aquel camino de los éxitos fáciles y ruidosos, llevado por las tendencias de su caracter, y aunque volvió á las esferas del gobierno como sub-secretario de relaciones exteriores, puesto que aun desempeñaba, se consagró por entero al estudio, y especialmente á la literatura histórica, en la qual conquistara una reputación continental.

Periodista en sus mocedades, *El Nacional*, *Sud America*, *El Argentino*, *Tribuna Nacional* y multitud de diarios y revistás guardan sus producciones de otras épocas; historiador erudito, era miembro del Instituto historico y geográfico del Brasil, de la Academia Cearense y de la Real academia histórica de España; escritor reputado, sus libros y folletos alcanzaron gran

resonancia, y todas las publicaciones americanas se ocuparon de sus trabajos, con firmas como las de Mitre, Lamas, Barros Arana, Palma, Lopez, Cané, Vicuña Mackena.

Sus escritos, desde el Compendio escolar hasta sus altos estudios, siempre serán apreciados. Caracteriza á todos ellos la claridad del estylo y el amor á la verdad. No nos ocuparemos de su «Manual de Aduana», que nasció de estudios que ocasionalmente distrajeron su atencion; ni de sus «Rafagas poeticas», ensayo que dió expresión á los suenos de su pasajera juventud.

En cambio, de sus biografias surge «Alberdi», clarovidente pensador; «Dorrego», generoso y patriota; «Monteagudo», brioso y apercibido siempre para el combate; «Pueyrredón», severo en medio de las zozobras nacionales; cuatro figuras simpáticas de la evolución nácional, que la pluma de Pelliza exhibiera ante el olvido de la posteridad.

Sus estudios sobre «López» y «Mármol», son dos biografías de mérito; sus «apuntes», sus «criticas» y sus «bocetos» históricos que, como las «Glorias argentinas» despiertan el entusiasmo de nuestras aulas; sus «Elementos de geografía», como sus «Efemerides», que él llamara la llave de la historia, seran siempre fuente de útiles conocimientos, y, por último, ¿qué hemos de decir de sus cuatro tomos de «Historia argentina», que si no llegan á la altura de la obra analoga del doctor Lopez, nuestro primer historiador, seran siempre una útil obra de consulta por la claridad de las ideas, la ecuanamidad de los juicios y la verdad de las afirmaciones?

Si tan abundante bibliografía no es suficiente para acreditar como vida de trabajo y de estudio la del señor Pelliza, aun quedan ahi «Dos questiones economicas y un problema social», «Federación social americana», «La cuestion del estrecho de Magallanes», y sus investigaciones y escritos sobre «El escudo y la bandeira nacional.»

Tan vasta y honrada erudición como la que todas essas obras representan, son el titulo en nombre del cual el gobierno de la republica volvia-se á cada ins-

tante en busca de su consejo. Asi le hemos visto dedicar en estos últimos tiempos todos sus conocimientos y su patriotismo á la defensa de nuestros derechos y la solución de nuestro pleito con Chile.

Ha sido él uno de los principales asesores del doctor Alcorta en el estudio do la fundamental cuestión, de aquel á quien habia de seguir en la partida eterna el dia mismo que un nuevo ministro llegaba á la cancillería nacional y que la camara de diputados de Chile aprobaba los pactos á que el contribuyero con sus conocimientos y su patriotismo.

—

Ayer, apenas foi conocida la noticia del fallecimiento del señor Pelliza, numerosa concurrencia de amigos del extinto fué á la casa mortuaria, Santa Fe 2568, donde se habia levantado la capilla mortuoria.

El poder ejecutivo decretará hoy los honores que correspondiam é su rango y a sus servicios.
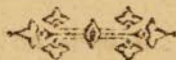
(*El Pais,* de Buenos Aires).

